



Vol. 10, Nº 22 (junio / junho 2017)

O COMPORTAMENTO SOCIAL DO TURISTA REGULADO PELO TEMPO DO TRABALHO E DO LAZER: CONSUMO DE LUGARES X FRUIÇÃO DA CULTURA

Luiz Antonio da Silva Alfenas¹

Leandro Benedini Brusadin²

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Luiz Antonio da Silva Alfenas y Leandro Benedini Brusadin (2017): "O comportamento social do turista regulado pelo tempo do trabalho e do lazer: consumo de lugares x fruição da cultura", Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 22 (junio/junho 2017). En línea: <http://www.eumed.net/rev/turydes/22/turista-trabalho-lazer.html>

RESUMO

Com o desequilíbrio entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer no cenário contemporâneo, o turista tende a consumir o espaço visitado buscando conhecer o maior número de lugares possíveis em um menor tempo. Sob uma perspectiva teórica interdisciplinar, o presente artigo buscou compreender o comportamento social do turista medidas pelas relações de tempo do trabalho e do lazer, de cotidiano e anti-cotidiano e dentre os turistas e os autóctones. A metodologia da pesquisa é a análise bibliográfica de autores da área da Sociologia, História e Turismo em um cunho epistemológico. Concluiu-se que a rotina exaustiva de visitação, atrelada à forma como a informação é transmitida, contribui para que tal viagem não atenda sua necessidade básica do lazer. Fato é que a viagem pode ser vista como um prolongamento do cotidiano, não proporcionando, assim, formas lúdicas de fruição, mas, sim, mero consumo imediatista. Por fim, é preciso repensar as formas de viagem com elementos de fruição e educação para o turismo cultural.

Palavras-chave: Lazer, Trabalho, Viagens, Fruição, Turismo Cultural.

ABSTRACT

With the imbalance between working time and leisure time in the contemporary scenario, tourists tend to consume the space visited seeking to meet the greatest number of seats possible in a shorter time. Under an interdisciplinary theoretical perspective, this article sought to understand the social behavior of tourist relations measures of time of work and leisure, everyday life and anti-cotidiano and among tourists and local population. The research methodology is the bibliographical analysis of authors in the field of sociology, history and tourism in an epistemological nature. It was concluded that the thorough routine of visitation, attached to the way information is transmitted, contributes to such a trip do not answer your

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista de Iniciação Científica do PROBIC/FAPEMIG. E-mail: pierreplmg@hotmail.com

² Professor do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto e do Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em História pela Unesp-Franca, Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi-Morumbi e Bacharel em Turismo pela Puc-Campinas. E-mail: leandrobrusa@hotmail.com

basic need of leisure. Fact is, the trip can be seen as an extension of everyday life, not providing as well, playful forms of enjoyment, but mere short-term consumption. Finally, we need to rethink travel forms with elements of enjoyment and education for cultural tourism.

Key words: Leisure, Work, Travel, Enjoyment, Cultural Tourism.

1. Introdução

O turismo é prioritariamente caracterizado pelo deslocamento de pessoas por tempo limitado do lar para um determinado local. Portanto, compreende-se na relação de tempo e espaço. Essa atividade emerge do desejo de trocar o conhecido pelo desconhecido, por meio de uma dada interação social e cultural. Tal premissa pode ser caracterizada como atividade de lazer dimensionada em vários tipos: sol e praia, cultural, gastronômico, eventos e outros mais.

São diversas as relações que permeiam este deslocamento. A primeira é a relação entre o trabalho e o lazer, posto que o primeiro é o principal responsável pela necessidade do segundo que, na maioria das vezes, é apropriado pelo turismo na forma de uma viagem. O tempo curto adicionado à forma exacerbada de como o turista viaja, forma essa implementada pelo “turismo de massa” acaba por permitir um contato artificial e superficial com a localidade visitada e seus atrativos turísticos.

Os motivos para se viajar são os mais diversos, podendo ser físico, natural, interpessoal, “status” uma vez que a viagem pode ostentar um padrão econômico de vida, e cultural. “Entende-se por turismo cultural, todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana” (BARRETO, 2000, p.19). Esta prática da atividade turística pode estar representada na arte, no estudo, em sítios históricos ou arqueológicos, em manifestações folclóricas e sociais, além das cidades em si, por seus monumentos, museus, igrejas etc.

O turismo deve proporcionar uma relação e interação entre a cultura visitada e os turistas, caracterizada pelo intercâmbio cultural entre o visitante e o residente, uma relação que proporciona o ato de fruir. Entretanto, nota-se que, muitas vezes, o modo como é realizada a viagem e a forma como são “consumidos” determinados atrativos culturais tornam-se desgastantes para ambos os lados: prejudicial para a comunidade e a preservação de seu patrimônio e para o visitante em seu processo de lazer.

O turismo está para muito além de uma atividade econômica, ou de um momento de visitação apressada, de palavras decoradas e repetidas. Essa atividade poderia e deveria servir a troca, a interação e a fruição que são aspectos fundamentais tanto para o desenvolvimento do lugar tanto para a satisfação, realização e descanso do turista no seu momento de anti-cotidiano. Entenda-se por anti-cotidiano todo tempo que está para além do tempo de trabalho e da rotina, o tempo que se pode fazer atividades diversas das cotidianas e que tem como função tentar equilibrar o tempo de trabalho.

De antemão, consideramos que a rotina exaustiva de visitas, atrelada à forma como a informação é transmitida, contribuem para que a viagem seja exacerbada para um consumo desenfreado de lugares e compras, ao contrário de um processo de fruição educativa e prazerosa intrínseca ao turismo cultural.

2. Trabalho e Lazer: o efeito do cotidiano e do anti-cotidiano nas viagens

O interesse dos homens pelas viagens data a antiguidade, sendo os motivos os mais variados, de acordo com cada momento histórico, sejam eles econômicos, culturais, religiosos, filósofos, esportivos, artísticos e políticos (PAIVA, 1995). Essa aspiração ainda pode ser dada por uma série de fatores: sonho ou desejo de conhecer cenário de fatos históricos, terra dos antepassados, desenvolvimento de pesquisas, contato com outras culturas e paisagens etc.

Somente a partir da Revolução Industrial e das conquistas trabalhistas que a viagem passou a ser considerada por outro ponto de vista. Como a recuperação da força física e psicológica perdida no trabalho maçante, concebida na forma do repouso e do descanso. Essa recuperação hoje em dia vem também sobre a forma do lazer e uma das suas facetas: o ato de viajar.

Observando a etimologia, lazer provém do verbo latino *licere* que significa permitir. Lazer, portanto, é entendido como o que é permitido ou como a faculdade de usar o tempo livre de acordo com o alvitre de cada um. Não se trata de uma atividade sem sentido, mas de um ócio produtivo (CASTRO, 2002). Tal configuração fora incorporada pela sociedade moderna e transformara-se em uma das principais características da contemporaneidade. Nessa pesquisa adota-se a seguinte definição de lazer:

Um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para recrear, seja para repousar, seja para divertir-se, e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEIDIER, 1976, p. 34).

Marx afirmava que o trabalho é a necessidade primeira do homem e Paiva (1995) complementa refletindo que, dessa forma, o lazer seria o espaço de recuperação da força de trabalho, podendo ser o espaço de realização do homem. E, para além disso, o lazer é também um espaço para consumo e para relações sociais. Um espaço para conhecer e fruir os lugares e as pessoas.

Se conhecer está entre as necessidades básicas imediatas em todas as épocas e em todos os povos, nos dias de hoje, essa forma de conhecer está sempre ligado às viagens executadas em nosso tempo livre. O momento onde podemos nos recuperar da rotina cotidiana. Momento conquistado pela grande massa graças ao desenvolvimento da nossa sociedade industrial. “Repouso e férias tornam-se sinônimos de turismo. A necessidade de relaxamento é reconhecida e é orientada para o turismo e transformada em viagem” (KRIPPENDORF, 2001, p.38).

O lazer passou a reproduzir os anseios de uma sociedade orientada para a produtividade, com atividades dirigidas aos ganhos da classe trabalhadora, não somente quanto ao salário, mas a outros direitos adquiridos tais como, jornada de trabalho reduzida, férias remuneradas, incentivos profissionais etc. (PAIVA, 1995, p. 12).

O equilíbrio entre trabalho e lazer passou a ser buscado em toda e qualquer atividade humana, entre vigília e sono, entre profissão e família, liberdade e obrigações, risco e segurança, trabalho e descanso, procurando sempre a harmonia no tempo de viver. O homem encontra-se, assim, submetido ao tempo, assim como em todas as atividades que exercemos.

Nenhuma parcela da nossa existência escapa a cronometragem reguladora e severa que lhe impõe o trabalho. Está estabelecida a hora em que ele deve começar, quando pode ser interrompido e, a seguir, suspenso. Dia após dia, semana após semana. A mesma coisa o mesmo horário para todos. A cada um sua quota de trabalho, padronizado e planejado. Sem liberdade de decisão. São as máquinas e não mais o ritmo biológico e da natureza que determinam a medida do tempo (KRIPPENDORF, 2001, p. 106).

O trabalho já foi visto sob variadas formas. Para Vico é a realização da cultura, da história e da moral. Para Hegel constituiu um instrumento para o homem encontrar a si próprio. Inicialmente o trabalho era visto como um castigo divino posteriormente, considerando a redenção, os teólogos atribuíram-lhe novo sentido e valor, o homem passou a ser considerado participante da construção do mundo, completando, de certo modo, a obra de Deus (CASTRO, 2002).

O lazer pode ser visto como o momento para reconstruir as forças físicas e mentais do

ser humano, dando ele tempo livre na forma de descanso para combater o trabalho. Uma tentativa de trazer ao homem o equilíbrio, a harmonia. Curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar um sentido a sua vida.

Nota-se, porém, que a relação entre trabalho e descanso é inadequada. Pois não é possível compensar as carências sentidas na vida cotidiana em alguns breves momentos de liberdade.

Com o passar do tempo surge à vontade de sonhar o dia todo com o anoitecer, a semana toda com a sexta-feira, o ano todo com as férias, com uma vida que não seja apenas uma metade de vida. (P. E. STOSS, 1973 *Apud* KRIPPENDORF, 2001, p. 9).

Nota-se que esses poucos momentos tentam ser compensados na forma de quantidade, fato este que se percebe em visitas turísticas. Na contemporaneidade, os turistas (homens em momento de lazer) buscam sempre mais abrigo o maior número de lugares em um menor tempo possível. Isso pode ser considerado um reflexo de um desequilíbrio entre o trabalho e lazer, transformando o tempo livre em atividade compulsiva.

O homem para fugir de si próprio entrega-se a atividades absorventes. Insatisfeito em casa, mergulha integralmente no trabalho, o que faz com que seja visto como dedicado e citado como modelo de produtividade. Dedicar-se a política, as associações. Oprimido na cidade grande aproveita o tempo livre para viajar como atividade compulsiva (CASTRO, 2002, p. 152).

Por conta desse desequilíbrio verifica-se que muitos turistas ficam presos a agência de turismo e ao guia, fechados em um "pacote". Os turistas estão desse modo, a mercê de uma nova rotina em seu tempo de descanso, uma rotina de visitas e informações, tão dinâmica, tão veloz quanto a nossa sociedade atual em seu cotidiano de trabalho. E o tempo de lazer que seria o tempo de liberdade passa a ser regado e cronometrado como todas as outras tarefas e obrigações do dia a dia. Esse não seria um paradoxo? O anti-cotidiano de uma viagem a lazer se prolongando no cotidiano do trabalho.

Além das motivações, a sociedade forneceu simultaneamente aos seus membros os meios de realizar tão evasão: dinheiro, sob a forma de salários mais elevados e tempo, graças a horários de trabalho cada vez mais reduzidos. Mas, antes de tudo, a indústria desenvolveu, em nosso benefício, veículos que verdadeiramente colocaram em marcha a sociedade. Automóvel. O carro e, em menor escala, o avião, introduziram a revolução do lazer móvel e transformaram-no no curso de pouco mais de dois decênios e a uma velocidade espantosa, naquilo que é hoje (KRIPPENDORF, 2001, p. 15).

A sociedade vive em um ciclo vicioso que gira em torno do trabalho, do consumo, das obrigações, das responsabilidades, da família, da busca por felicidade, constantemente alimentada pelo próprio sistema que a move. É nesse ciclo sistêmico, entre trabalho e lazer, que o turismo de massa cria uma falsa ideia de rompimento do sistema, onde se crê que, mesmo por um pequeno momento, é possível fugir de toda rotina. Isso em parte é reflexo da forma como se entende o turismo.

A ideia de que o lazer é uma liberdade total carece de significado. Pois as próprias atividades de lazer compreendem determinado controle, usos, costumes e normas (CASTRO, 2002). O turismo associa-se ao lazer na maioria das vezes na forma de uma viagem que normalmente é vista como uma forma de romper à rotina de nossa vida e o cansaço do nosso cotidiano. Tal ação é compreendida como um tempo de liberdade.

Conquistamos mais tempo livre, é verdade, mas não será porque enquanto nesse

tempo, vestimos as vestes de turistas, passando de trabalhadores para consumidores, dando combustível ao sistema? O tempo livre e as férias tornaram-se, assim, também indústria social e cultural que mantém o sistema econômico.

Com as conquistas trabalhistas associadas ao fordismo-kenesianista, o lazer passou a ser considerado como um direito, uma ocasião para descanso e para maior consumo. De um lado, o trabalhador sente-se valorizado e, de outro, incrementa-se a produção estimulada pelo consumo (CASTRO, 2002, p. 102).

Segundo identificado por Krippendorf (2001) é possível analisar isso sobre duas perspectivas. Em um primeiro momento, ainda que tenhamos cada vez mais tempo livre esse é influenciado pelo trabalho, sendo o tempo que resta para além do trabalho. Verifica-se que o turista acostumando com a sua rotina, tende a mecanizá-la e a reproduzi-la no momento de lazer, muitas vezes, os turistas remetem o mesmo, porém, de outra forma e em outro lugar. Ou seja, remetem a rotina de trabalho no momento de descanso. Em um segundo momento, é possível pensar que as pessoas gastam cada vez mais com o lazer, e segundo o autor, esse orçamento cresce numa velocidade superior a de todas as outras despesas de consumo. A viagem acaba sendo um “consumo notável”.

A fuga das grandes cidades e da rotina opressiva, aliada a coerção do marketing – sobretudo veiculado pela mídia – converteu o lazer em artigo de consumo. A realidade social, centrada na economia, criou a mentalidade do lazer (CASTRO, 2002, p. 151).

Salienta-se que, o que de fato acontece, é que continuamos presos nesse ciclo, consumindo o produto intangível que é o turismo. Talvez, por isso, surge à necessidade da compra de *souvenirs* e fotos, a fim de materializar uma sensação instantânea e fugaz, uma forma de compensar o mau proveito da viagem imaterial e a ausência de fruição com o lugar. Os turistas, em geral, tendem a reproduzir sua tradicional rotina diária, no seu breve momento de visitação, colocando tempo e obrigações em seu precioso tempo livre, não conseguindo, desse modo, o tão importante descanso, nem a tão procurada felicidade.

Devemos pensar que a atividade turística também segue a lógica do mercado e muitos dos seus efeitos representam o processo de industrialização global. Os aspectos negativos relatados por esses autores não são efeitos somente da atividade turística propriamente dita, mas, sim, resultados do consumo exacerbado de nossa sociedade. Ocorre que no turismo tal consumo   de ordem imaterial em seu início, mas, torna-se material ao suscitar a necessidade da compra material nos locais visitados.

Dentre essas práticas, encontram-se as viagens como forma de materializar os desejos de férias ou finais de semana de muitas pessoas. Esse desejo é fruto de um cotidiano que leva uma fatia da população a buscar uma fuga da rotina do trabalho por meio do turismo e sua promessa de felicidade. Por esse lado, o problema das viagens seria também a forma como as pessoas levam o seu cotidiano, o qual resulta em um comportamento equivocado ou não proveitoso nos atrativos culturais visitados. Como estabelecer uma outra lógica a essa prática? A relação entre o turista e a comunidade em seu processo de fruição pode auxiliar nesse tipo de desenvolvimento social.

3. Os Turistas e os Autóctones: relações sociais incipientes

Os turistas precisam trocar com o lugar, precisam fruir o lugar visitado. “A palavra fruição terá aqui o seu sentido vernáculo: usufruto, aproveitamento, desfrute, gozo, utilização; tirar de uma coisa todo seu proveito” (MENESES, 2004, p. 19). Dessa forma,   possível divergir o consumo exacerbado, da fruição que poderia ser realizada em um local turístico.

O turismo é movimento de pessoas,   ir e vir,   um fen meno que envolve antes de mais nada gente, por tanto pode ser considerado um ramo das ciências sociais e não somente econômica transcende a esfera das meras relações da balança comercial. (BERRETO 2000). Fato é que, muitas vezes, tratamos o turista e o turismo de uma perspectiva meramente

econômica, esquecendo suas várias dimensões, sejam elas políticas, sociais, culturais ou psicológicas.

Turismo é também relações pessoais e espaciais, relações com ambiente e com as pessoas ali presentes. Relações que geram impactos tanto econômicos quanto ambientais e sociais, para o lugar, para os autóctones e para os próprios turistas. Conforme Krippendorf (2001, p. 67): “os autóctones são os seres humanos que se encontram do outro lado: a população dos países e das regiões visitadas, os anfitriões voluntários ou involuntários”.

A viagem é a forma mais comum de relação com o outro, de trocar e compartilhar, de fruir um determinado espaço, uma determinada cultura. O turismo é a ponte que une o viajante, o consumidor de cultura ao espaço, ao atrativo, em seu momento de anti-cotidiano. Essa ponte poderia estabelecer troca e oferecer um conhecimento, desejo e fruição e não somente consumo.

A viagem poderia nos levar a tomar consciência de nossa própria realidade, a relativizar as normas culturais que assimilamos, a descobrir que existem outras formas de vida comunitária e a questionar nossas próprias condições de vida. A viagem “uma escola de vida”? É verdade que poderia ser tudo isso. Mas enquanto permanecer o que é nos dias de hoje, isto é – na maioria dos casos –, um artigo comercial destinado ao consumo agradável e irrefletido do lazer na era industrial (KRIPPENDORF, 2001, p. 94).

Diante de uma visão crítica negativa da atividade turística e sua prática de lazer já exposta nesse trabalho, é oportuno fazer uma análise contrária para dar a complexidade que um debate científico carece. Ao que nos cabe, tal percepção dialética pode contribuir para proposições teóricas e práticas que a sociedade necessita.

Nesse sentido, é necessário dizer que o turismo tornou-se o primeiro instrumento da compreensão entre os povos. Ele permite o encontro de seres humanos que habitam as regiões mais afastadas e são de línguas, raças, religiões, orientação política e posição econômica muito diferente. “É graças a ele, em grande parte, que estes seres humanos conseguem estabelecer um diálogo entre si, compreender a mentalidade do outro, que, de longe, lhe parece tão estranho, preenchendo, dessa forma, o fosso que os separa.” (HUNZIKER 1961, p. 90 *Apud* KRIPPENDORF, 2001, p.98).

O turismo ainda serve como um mecanismo de relação entre diferentes culturas. O turista, ao fruir de um atrativo cultural por meio dos agentes locais, também pode se integrar mais com a comunidade e seus elementos históricos. “É próprio do homem buscar conhecer as diferenças culturais, intentar compreender significados para as vidas de outros grupos sociais, visitar lugares que não são os seus para compreendê-los em sua especialização histórica e cultural própria” (MENESES, 2004, p. 20).

O turista atento à cultura apreciará melhor seus interlocutores locais e seus costumes, aproveitará melhor seu lazer e poderá valorizar a diversidade cultural, contribuindo, desta forma, para a formação de uma cidadania mais crítica. Não serão apenas consumidores passivos da cultura, mas poderão interagir com as diversas manifestações culturais (FUNARI, 2005, p. 11).

Os objetivos da viagem podem ser o descanso, a diversão, mas também o trabalho, o aprendizado ou o aperfeiçoamento profissional, entre muitos outros. “Todas essas movimentações implicam contato humano e cultural, trocas de experiência entre os viajantes e a população local” (FUNARI e PINSKY, 2003, p.7). Ontem e hoje, os visitantes buscam um encontro mais rico de culturas, e como afirma Meneses (2004), buscam na fuga do seu cotidiano, empreender percursos que os levam ao lazer, ao descanso, mas, sobretudo, ao conhecimento. O lugar, além de ser espaço de consumo, é espaço de descobertas: um espaço de relações, de estudo, de conhecimento, de lazer e de fruição turística.

Como visto, é certo que há uma dicotomia entre o que é e o que deveria ser. O turismo deveria ser conhecimento, interação, troca. Deveria ser fruição, não invasão, desapropriação, descaracterização. Vale ressaltar que o mesmo lugar que é visitado, usado e consumido, é também, espaço vital, pátria, é a casa dos autóctones.

Os habitantes das regiões visitadas começam a sentir, também, um certo rancor em relação aos efeitos negativos do êxodo das massas turísticas. Essa população tem, cada vez mais, a impressão de que são invadidas por esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, de serem excluídas (KRIPPENDORF, 2001, p.18).

Há uma descoberta e redescoberta dos autóctones inúmeras vezes e a cada encontro e reencontro surgem novos impactos. Ninguém leva em consideração, como afirma Krippendorf (2001), o que deve sentir a população autóctone ao ser descoberta diversas vezes, ao ser observada e questionada até nos assuntos mais íntimos.

As forças de mercado que movem o turismo tendem a transformar alguns sítios históricos em meros cenários e as comunidades que aí vivem em museus performáticos de práticas patrimoniais convertendo-as num pastiche irrelevante de si mesmas, com poucas ou nenhuma ligação com seu presente, num parque de diversões para o deleite de visitantes que aí deixam seu dinheiro (MURTA, 2002 p. 40).

E, por sua vez, os turistas que por ali passam nem imaginam o quanto podem transformar e alterar o equilíbrio emocional, religioso, cultural, econômico e ecológico tanto da religião quanto da população. “No caso das cidades coloniais a transformação tem provocado problemas sérios na apreensão, interpretação e comunicação de seu patrimônio histórico, além da exclusão social de parcela da população” (MESESES, 2004, p. 27). Como se dá esse processo de fruição especificamente no turismo cultural? Tal problemática é o que nos importa discutir teoricamente nesse momento.

4. O Processo de Fruição no Turismo Cultural

Analisando o turismo, segundo o critério da motivação, aparece uma quase infinita variedade de possibilidades que podem ser agrupadas. A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) define o patrimônio cultural como a soma do patrimônio material e do patrimônio imaterial. Dessa forma nota-se o que o turismo também se fragmenta em duas grandes divisões: o turismo motivado pela busca de atrativos naturais e o turismo motivado pela busca de atrativos culturais. No entanto, esta divisão semântica fragmentada possui o mesmo problema da concepção do patrimônio cultural analisada anteriormente entre o patrimônio material e imaterial, que é a superficialidade em que se analisa o contexto uma vez que uma parcela é sempre deixada de lado em detrimento à outra. Assim, entendemos por turismo cultural todo deslocamento que o principal atrativo seja algum aspecto da cultura humana, mesmo que envolva aspectos naturais e outros fins (BRUSADIN, 2011).

Não obstante, para fins didáticos desta pesquisa, utilizaremos o termo turismo cultural para aquela forma de turismo que tem por objetivo, entre outros, o conhecimento de monumentos, museus e de locais onde a cultura exerce um dado interesse nas pessoas. Tal prática pode promover um efeito realmente positivo, tanto sobre o lugar, para sua manutenção e proteção, quanto para o turista, para satisfazer seus próprios fins, sejam eles a busca por conhecimento ou a fruição. Essa forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e econômicos que comportam para toda a população implicada.

Atualmente a forma como o turismo é realizado na sociedade contemporânea contribui para a falta de fruição do viajante. O consumo em massa dá norte aos modos como os roteiros normalmente são feitos, isso atrelado ao modo como a informação é transmitida, contribuem para um desgaste e um cansaço tanto físico quanto mental. Os roteiros produzidos pelo turismo de massa são um reflexo do produto de massa, e parecem que são elaborados para

serem consumidos e logo depois esquecidos. Enquanto o atrativo for uma peça de curiosidade apenas momentânea, ele será imediatamente esquecido após o seu consumo. São assim os produtos massificados: consumidos e esquecidos (MENESES, 2004).

É muito comum entrarmos em um museu e esquecê-lo minutos após sairmos dele. “É rara a visita que nos remete a discutir com outros o visualizado e a voltarmos a investigar os objetos vistos” (MENESES, 2004, p. 59). Esse esquecimento, essa falta de vontade de investigar, é reflexo do modo como a informação é transmitida. Tudo depende da forma como a informação nos é passada. A informação é a ponte que une o turista ao lugar, a ponte que trás informação, conteúdo e explica a história marcada e representada nos monumentos. A falta de cuidado com a comunicação tem produzido produtos que esvaziam conteúdos.

Apressar a fruição do atrativo é impedir que os turistas descubram os significados e valores do lugar o qual buscaram conhecer. Direcionando-os para outro consumo rápido, na lógica do turismo de massa, é uma forma eficiente para se impedir qualquer fruição que poderia ali existir.

O vasto público atingido por essa massificação da informação patrimonial é iludido por informações vazias de conteúdo que, ao invés de introduzi-lo em um processo de formação de conhecimento histórico e identitário de uma cultura, investe em presenteá-lo com informações definidoras e solucionadoras que não produzem efeito no sentido de dar alegria e fruição e interpretação de um problema histórico por ele resolvido (MENESES, 2004, p. 61).

Como fazer o turista fruir durante sua viagem? Como estabelecer formas do turista aproveitar seu tempo livre e realizar um desfrute prazeroso? Como alterar a forma como a informação é passada? É imperativo pensar em formas de turismo que vinculem lazer ao anti-cotidiano e, inclusive, seja possível atrelar a educação dos turistas? São perguntas necessárias para se alterar a forma como o turismo é executado e assim estabelecer um processo de fruição.

No primeiro momento é importante compreender as necessidades de descanso, de contemplação, de felicidade e de conhecimento dos turistas. Entender suas aspirações seus desejos e vontades enquanto viajantes. Sabemos que o viajante é um ser muito complexo, por isso é difícil classificá-lo numa categoria bem definida. O que podemos fazer é tentar a partir de seus desejos desenvolver roteiros que trabalhem essas necessidades de fruição, e que proporcione liberdade e qualidade, trazendo um aproveitamento do tempo livre e das informações. Saindo assim da superficialidade. O início do processo de fruição.

Para além da liberdade que proporciona o turismo, existe a informação para educação. O conhecimento oculto em cada pedra, cada traço, cada monumento proveniente de um passado distante e desejado. Conhecimento esse que traz curiosidade e empolgação para os turistas em sua viagem. É preciso ter cuidado com a forma como a informação é transmitida para não ser depósitos de conhecimentos (FREIRE, 2001). É essa informação que o prende, que supera ou não suas expectativas e que o faz gostar ou não do lugar visitado. Para tanto, é necessário comunicação e problematização para haver fruição.

É preciso estimular o turista a pensar, pois, caso contrário, ele só estará exposto a objetos de sua curiosidade e que logo será esquecido. Gerar reações ao turista, emoção, admiração, promover a construção prazerosa de interpretações, estimular a curiosidade ao invés de despejar informações. Nesse ponto é preciso aperfeiçoar a forma como a informação é transmitida. A superficialidade da fruição impede que o turismo construa algo que é fundamental para a sustentabilidade da atividade e do atrativo que se constrói.

Para que isso ocorra, as estratégias de desenvolvimento devem ser pensadas em conjunto com a comunidade e em constante discussão com suas lideranças e organizações civis (MENESES, 2004). Dessa forma, podemos ir além, tratando também de questões que envolva os atrativos e os meios de hospedagem, os restaurantes e os mecanismos de viagem. Para tanto, deve-se pensar para além das críticas e propor ferramentas que vinculem esse processo de lazer as formas de fruição possível ao turista.

O turismo é uma atividade que apropria diversos outros setores, todos fundamentais para a satisfação do viajante enquanto turista. Alguns podem servir como uma espécie de fuga da rotina de visitaçao como parece ser o caso dos restaurantes, um momento à parte, onde o turista tem autonomia e liberdade para utilizar seu tempo da forma como lhe convir, onde pode

escolher o que comer, discutir aquilo que foi visto e fruir parte de sua visita, deixando de lado as informações superficiais transmitidas pelos guias locais e a correria desnecessária de monumento a monumento. Um tempo de descanso no tempo de lazer cultural, os quais muitos se utilizam em cidades tidas como históricas.

Alcançado pelo sentimento e sustentado pela sensação, o passado é reconstruído plenamente. Feito de fantasias, parecendo sempre melhor que o presente, ele aflora idealizado, porque reconstruído por nós que já não somos o que éramos e, movidos pela nostalgia, queremos que ele nos traga de volta a sensações já vividas (RODRIGUES, 2005, p.18).

Nota-se que existe uma herança de bens materiais e imateriais a ser descoberta e redescoberta pelos turistas que visitam e desejam buscar um conhecimento prazeroso e uma fruição com a cidade. O patrimônio cultural material representado por museus, monumentos e locais históricos, juntamente com as tradições, os ritos e manifestações culturais. Transportam o turista para um espaço de aprendizado, de interação e de formação intelectual e pessoal. O levando a uma volta pelo passado, trazendo lembranças e alimentando a sua fantasia.

O patrimônio assim transformado em monumento passou a ser considerado um mediador entre passado e presente, uma ancora capaz de dar uma sensação de continuidade em relação a um passado nacional, de ser um referencial capaz de permitir a identificação com a nação (BARRETO, 2000, p. 10).

A sociedade valoriza o passado, esse por sua vez está marcado no patrimônio que é a memória cuja qual o povo mantém sua identidade. Um nexos do povo com o seu passado. É a partir da relação com o passado que é possível ver a forma como o presente se encaixa, e assim tentar descobrir quem somos e de onde viemos.

Essas curiosidades se buscadas pelo turista são de grande importância em seu processo de fruição, bem como esse passado, sendo objeto de desejo para os turistas que buscam conhecer e fruir o turismo cultural.

5. Considerações Finais

Após tratarmos sobre o processo de fruição, verificou-se os aspectos sociais sobre o consumidor de cultura e o turista envolvido no chamado turismo cultural. Foi constatada uma série de problemas e equívocos que fazem o modo como o turismo é executado estar longe do modo como deveria ser. O turismo deveria estar muito além de uma atividade econômica ou de um momento de visitação apressada. A troca, a interação, a fruição são aspectos fundamentais tanto para o desenvolvimento do lugar quanto para a satisfação, realização e descanso do turista no seu momento de anti-cotidiano.

O que aqui se propôs foi uma nova forma de estudar o turismo, não como atividade meramente econômica, mas sim socialmente percebida pelos atores envolvidos no processo. Essa atividade apresenta diversas relações e, que como toda e qualquer relação, causa impactos. Falta um cuidado maior com o planejamento da viagem, para evitar a reprodução do cotidiano no momento de lazer.

Por fim deve-se estar atento a alguns aspectos. O primeiro é a busca pela informação e a forma como a informação é transmitida. Não se critica aqui a extrema veracidade dos fatos ou a falta dela. Pois, história, memória, mito e ficção são pilares que fundamentam e que podem influenciar no processo de fruição. A correria, a superficialidade, o modo como a informação é despejada sobre o turista, esses são os verdadeiros problemas. Os roteiros elaborados para o turismo de massa são um segundo ponto a ser tratado. O turista é incapaz de fruir o lugar com velocidade, com correria, além do mais a quantidade de lugares e monumentos presentes no roteiro fazem com que seu contato seja superficial. Há uma grande diferença entre se fruir um lugar e passar pelo lugar.

É preciso lembrar que o bem patrimonial desejado pelo turista é muito mais que o bem em si, há o meio e a sociedade que constrói o bem. A herança existente no turismo cultural foi formada a partir de uma construção coletiva, realizada na relação que envolve o homem e seu meio natural. Nas palavras de Meneses (2004, p. 87), “a cidade é mais que espaço físico; é mais que materialidade. Ela é o *locus continuum* de cultura, onde natureza, construção material, símbolos, significados e representações se constroem em diversidade e em harmonia”. Separar, portanto, patrimônio material e “imaterial” é ficar desatento a compreensão histórica do espaço urbano, a essa visão global da cidade. Como disse Funari e Pinsky (2005), o turista atento à cultura apreciará melhor seus interlocutores locais e seus costumes, aproveitara melhor seu lazer e poderá valorizar a diversidade cultural. Não serão apenas consumidores passivos da cultura, mas poderão interagir com as diversas manifestações culturais. Levando em consideração todo mundo real a sua volta, para além da fantasia fugaz vivida no momento de anti-cotidiano. Ao invés de se consumir cultura é preciso viver a cultura.

Assim, estaremos criando um novo conceito de turista, um que estará interessado em fruir o espaço, em trocar com os autóctones, em tirar do lugar todo seu proveito e em buscar uma aproximação verdadeira entre os povos e suas culturas.

BIBLIOGRAFIA

- BARRETTO, Margarita (2000). *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papirus.
- BANDUCCI Jr, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs.) (2001). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço (2001). *O despertar do turismo: uma visão crítica dos não-lugares*. São Paulo: Aleph.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico* (2002). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRUSADIN, Leandro Beneditini (2011). A dinâmica do patrimônio cultural e o Museu da Inconfidência em Ouro Preto. Tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Franca.
- BRUSADIN, Leandro Beneditini; ALFENAS, Luiz Antonio da Silva (2014). Relatório de Iniciação Científica. Programa PROBIC – FAPEMIG: UFOP.
- CARTA DE TURISMO CULTURAL. ICOMOS 1976. Cadernos de Sociomuseologia, N. 15, 1999. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php.cadernossociomuseologia>>.
- CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de (2002). *Sociologia aplicada ao turismo*. São Paulo: Atlas.
- CIFELLI, Gabrielle. (2005) *Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto – MG*. Dissertação de Mestrado – UNICAMP. Campinas, SP.
- FREIRE, Paulo (2005). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Cristina (1997). *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Sesc – Annablume.
- FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.) (2005). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto.
- KRIPPENDORF, Jost (2001). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. [tradução Contexto Traduções]. São Paulo: Aleph.
- MARTINS, Clerton (org.) (2006). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca.

MENESES, José Newton Coelho (2004). *História & Turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.

MENICONI, Rodrigo Otávio de Marco. (1999) *A construção de uma cidade monumento: o caso de Ouro Preto*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. (Dissertação de Mestrado)

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian (2002). Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Cecília. (orgs.) *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis.

NATAL, Caion Meneguello (2017). *Ouro Preto: A construção de uma cidade histórica, 1891-1933*. Campinas, SP: [s.n.].

PAIVA, Maria das Graças de Menezes (1995). *Sociologia do turismo*. Campinas, SP: Papirus.

RODRIGUES, Marly (2005). Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto.

URRY, John (2001). *Olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel – SESC.